

O CUIDADO DE SI, NO CUIDADO DOS OUTROS: O EXERCÍCIO DA LIDERANÇA RELIGIOSA EM IGREJAS PENTECOSTAIS

Amanda Caroline W. Ertal Birkheur¹

Taiza Gabriela Zanatta Crestani²

Silvio Antonio Colognese³

RESUMO: O exercício da liderança religiosa no contexto de igrejas evangélicas pentecostais é permeado de situações que requerem o constante manejo de formas de cuidado. Isto porque, frequentemente a demanda atendida lhes exige o desenvolvimento de habilidades e características que os tornem “exemplares” ante os olhos da comunidade onde estão inseridos. Esta pesquisa busca aprofundar a compreensão em relação aos motivos e processos envolvidos no adoecimento mental das lideranças religiosas de igrejas evangélicas pentecostais. Para tanto, em termos metodológicos, utiliza a perspectiva qualitativa. A coleta dos dados se deu por meio de entrevistas individuais de roteiro semiestruturado com cinco líderes religioso que atuam em diferentes igrejas evangélicas pentecostais num município localizado na região Oeste do Estado de Santa Catarina. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas seguindo-se as orientações do método de Análise de Conteúdo, proposto por Laurence Bardin. A apresentação e apreciação dos dados possibilitaram a identificação de situações de sofrimento psicológico relacionadas à forma de organização da rotina por parte dos líderes religiosos. Percebeu-se que os pastores que contribuíram para a realização deste estudo sistematizam as suas linhas de ação com base na oferta de cuidados ao outro. Ao fazerem isso, estabelecem prioridades e critérios que, muitas vezes, implicam na desconsideração do cuidado de si.

PALAVRAS-CHAVE: Líderes Religiosos; Igrejas Evangélicas Pentecostais; cuidado de si; doença mental.

CARE OF THE SELF, IN CARE OF OTHERS: THE EXERCISE OF RELIGIOUS LEADERSHIP IN PENTECOSTAL CHURCHES

¹ Graduada em Psicologia pela UNOESC - Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina, campus de Pinhalzinho-SC. E-mail: carolinewestenhofen@gmail.com

² Doutoranda em Educação pela UNOESC - Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina, campus de Joaçaba-SC. Mestre em Ciências Sociais pela UNIOESTE - Universidade Estadual do Sudoeste do Estado do Paraná, campus de Toledo-PR. Professora do curso de Psicologia da UNOESC - Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina, campus de Pinhalzinho-SC e campus de São Miguel do Oeste-SC. E-mail: crestani.t@unoesc.edu.br

³ Doutor em sociologia pelo IFCH/UFRGS (1997) e mestre em sociologia rural pelo IEPE/UFRGS (1991). Professor universitário desde 1987. A partir de 1990 é professor efetivo da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), no campus de Toledo. Desenvolve pesquisas e publicações notadamente nas áreas da identidade, fronteiras e da formação de novas gerações acadêmicas. E-mail: silviocolognese@ibest.com.br

Programa de Pós-Graduação em Filosofia – UNIOESTE – Rua da Faculdade 645. Toledo – PR.
CEP 85.903-000

Email: revistaalamedas@gmail.com

ABSTRACT: The exercise of religious leadership in the performance context of pentecostal evangelical churches is permeated with situations that generate an emotional alternation too great. In addition, it is necessary that they have several competences and features who make the leader “exemplary”. Thus, this research part of the interest in deepening the compression in relation to reasons and processes involved in mental illness at the performance context of pentecostal evangelical churches. For this purpose, the present study has as base the qualitative perspective, where the data collection were obtained through individuals semi-structured interviews with five religion leaders who act in different pentecostal evangelical churches in a city of Santa Catarina West. The interviews were transcribed and analyzed followed the directions of the method of content analysis based on Bardin. This study made it possible to identify experiences of psychological suffering of which they are, above all related to performance of religious leaders. The pastor prosecutes a caring function to the other, however in no time he has a care for himself.

KEYWORDS: Religion leaders; Pentecostal evangelical churches; Psychological suffering; Psychology.

INTRODUÇÃO

O Pentecostalismo teve início nos Estados Unidos, espalhando-se posteriormente por todo o mundo. Sua expansão no Brasil se deu a partir de duas igrejas independentes: a Congregação Cristã do Brasil - fundada em 1910 no bairro do Brás, em São Paulo - e a Assembleia de Deus - fundada em 1911, em Belém do Pará. Contudo, de modo mais expressivo, este movimento religioso se disseminou com maior intensidade a partir da década de 1950 (EPOS, 2009).

Cada Igreja Evangélica Pentecostal possui em sua organização administrativa líderes religiosos responsáveis pelas atividades a serem desenvolvidas junto ao público local. Para conquistar o cargo de liderança, os interessados precisam concluir um processo de formação no qual são exigidas algumas condutas e habilidades específicas. Este processo de formação é sistematizado de maneiras distintas entre as instituições, respeitando-se alguns princípios norteadores de fundo comum.

De maneira geral, são consideradas incumbências do líder religioso: a) administrar a igreja, b) supervisionar departamentos, c) organizar reuniões, realizar cultos, d) atender, aconselhar, orientar e acompanhar pessoas, e) treinar e formar outros líderes, f) visitar os fiéis, g) ministrar cursos e eventos, h) participar em projetos sociais, preparar estudos bíblicos, e i) realizar funerais, casamentos e batismos (EBERT e SOBOLL, 2009). A

associação de tarefas burocráticas e o mantimento do contato direto com a população implicam num constante movimento de reorganização de atividades profissionais e, não raro, na abdicação do tempo destinado ao lazer.

Quando existem dificuldades em conciliar estas atividades, a rotina do líder religioso pode ocasionar prejuízos no estado de bem-estar (principalmente referentes à saúde mental). A guisa de exemplificação, destacam-se os resultados de uma pesquisa realizada por Lotufo Neto (1977), que ao final da segunda metade dos anos setenta, já apontava maior incidência de doenças mentais entre ministros protestantes se comparados à população em geral, com ênfase aos quadros de transtornos de humor – como é o caso da Depressão. Estas estimativas apresentam convergências com resultados de pesquisas atuais (MOREIRA, 2013; CASTRO, NUNES e SOUZA 2008; AMORIM JÚNIOR, ARAÚJO e SILVA, 2019), as quais apontam a incidência de sinais e sintomas da Síndrome de *Burnout* e de quadros de ansiedade intensa entre este público.

Em consonância, Junior, Araújo e Silva (2019) argumentam as condições de sofrimento psicológico (independentemente de serem consideradas patológicas ou não) entre líderes religioso pentecostais são consideradas um dos principais motivos/justificativas de afastamento ou abandono das atividades institucionais. Portanto, refletir sobre os condicionantes dos processos de sofrimento relacionados direta ou indiretamente à rotina dos líderes, numa perspectiva interdisciplinar, faz-se urgente.

Contudo, a temática do adoecimento mental ainda é considerada uma espécie de tabu entre os líderes religiosos. Em parte, isso se deve ao fato de que, durante muito tempo, alguns transtornos psiquiátricos foram caracterizados pela comunidade religiosa como sendo consequência da falta de Deus, ou reflexo de ações ditas pecaminosas – dificultando a compreensão dos seus fatores desencadeantes e a busca do tratamento adequado (DEUS, 2009). Tais pressupostos impuseram -se como obstáculos para problematizar as lógicas de sofrimento atentando-se para a realidade dos próprios pastores, devido ao fato dos mesmos interpretarem que assumir uma condição de mal-estar significa necessariamente dar margem para que os fiéis questionem as suas competências espirituais.

Dito de outro modo, a simples manifestação de tristeza, abatimento ou angústia pode passar a impressão para os crentes de um “mau testemunho”. Assim, mesmo identificando a emergência de determinados sinais e sintomas de sofrimento, os líderes

religiosos comumente desenvolvem estratégias de ocultamento, no intuito de sustentar a imagem de “modelo de força e superação” de adversidades ante aqueles que ouvem os seus sermões (NUNES, SOUZA E CASTRO, 2018).

Estes desafios justificam a relevância de perguntar pelo cuidado de si entre estas lideranças religiosas pentecostais. O objetivo primordial é analisar as possíveis relações entre a ausência do cuidado de si e a manifestação de doenças mentais, na percepção de líderes religiosos que atuam em igrejas evangélicas pentecostais localizadas num município localizado na região Oeste do Estado de Santa Catarina. Temas envolvendo as relações entre o cuidado de si e a ocorrência de doenças mentais, inclusive em ambientes religiosos, possibilitam o alargamento das esferas de investigação que envolvem a temática da saúde em sua acepção integral, isto é, valorizando-se as especificidades do contexto histórico, social e cultural (NUNES, SOUZA E CASTRO, 2018).

O CUIDADO DE SI NO CUIDADO DO OUTRO

O cuidado de si é uma noção trabalhada por Michel Foucault no início da década de 1980. O autor trabalha esta definição a partir de reflexões sobre os jogos políticos (do verdadeiro e do falso, do legítimo e do ilegítimo). Para o autor, o cuidado de si refere-se ao princípio de aplicar-se a si próprio, ocupar-se consigo mesmo. Isso requer um determinado esforço, inclusive o de reservar o tempo para tanto. Inclusive, este é um dos grandes problemas de se fixar a cultura de si no decorrer do dia ou da vida como um momento de consagração. Nas palavras de Foucault:

[...] Pode-se reservar, à noite ou de manhã, alguns momentos de recolhimento para o exame daquilo que se fez, para a memorização de certos princípios úteis, para o exame do dia transcorrido [...] Pode-se também interromper de tempos em tempos as próprias atividades ordinárias e fazer um destes retiros que Musonius, dentre outros, recomendava vivamente: eles permitem ficar face a face consigo mesmo, recolher o próprio passado, colocar diante de si o conjunto da vida transcorrida, familiarizar-se através da leitura, com os preceitos e os exemplos nos quais se quer inspirar e encontrar, graças a uma vida examinada, os princípios essenciais de uma conduta racional. É possível, ainda, no meio ou no fim da própria carreira, livrar-se de suas diversas atividades e, aproveitando esse declínio da idade onde os desejos ficam apaziguados, consagrar-se inteiramente, como Sêneca, no trabalho filosófico ou, como Spurrina, na calma de uma existência agradável, à posse de si próprio [...] Tem-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a

si mesmo: ela não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social (FOUCAULT, p. 56).

Compreende-se, assim, que o cuidar de si não se limita a uma atividade essencialmente introspectiva, desarticulada e apartada dos outros e do mundo. Muito pelo contrário, o cuidado de si se dá na interface das relações e dos encontros, ou seja, não é uma atitude de isolamento, mas de reflexividade mediada. Para os limites deste estudo, que tem como objetivo maior compreender as relações entre exercício da liderança religiosa e o cuidado de si na ótica de pastores evangélicos, faz-se importante destacar que, para Foucault (2004), o cuidado de si vem sendo entendido de maneiras distintas desde os períodos grego e helenístico, passando pelo cristianismo, até a atualidade.

Entre as lideranças religiosas pentecostais, o cuidado de si se orienta por este sentido considerado pelo cristianismo, o qual considera que “*o exame de consciência não tem como fim o domínio de si, mas apenas uma relação de ‘dependência’ completa (...): o uso das técnicas de si no cristianismo visa uma relação de obediência com fim em si mesma*” (PETERSEN, 2011, P.7). Assim, entende-se que ao transferir a salvação para um tempo futuro, além desta vida, o cristianismo apresenta como condição para a própria salvação dos cristãos a renúncia de si. Majoritariamente, a atitude do homem religioso volta-se estritamente cuidado do outro – a autonomia é colocada, pois, em segundo plano.

Nesta perspectiva atualizada entre as lideranças religiosas pentecostais, assumir a necessidade de cuidar de si pode vir a ser interpretado como motivo de desconfiança, insegurança ou, conforme já mencionado, sinal de fraqueza religiosa. Ainda na concepção de Foucault (2006), com o cristianismo, o cuidado de si passou a ser considerado um amor próprio, uma forma de egoísmo e de interesse pessoal. Portanto, a obrigação do cuidado do outro, do sacrifício pelo outro, relega o cuidado de si entre estas lideranças religiosas a um sentido de suspeição moral e descaso (BOLSONI, 2012).

Este sentido traduzido pelo cristianismo ao cuidado de si, não é o defendido por Foucault (2006). Mesmo por que, valorizar a importância das práticas do cuidado de si, não implica necessariamente a valorização individualista de uma ética individual. A obrigação do cuidado de si tem em sua gênese a obrigação de ter o cuidado com o outro. Por isso, o cuidar de si não significa negar ou ignorar o outro, e tampouco deve colocar a renúncia de si como um objetivo maior a ser atingido. O sujeito de si, e o sujeito dos

outros se complementam nas produções simbólicas que as relações sustentam, e isso implica assumir que as práticas sociais necessitam da presença do outro para se efetivarem como ações de cuidar, afinal, ninguém é capaz de cuidar sozinho de (BOLSONI, 2012).

É neste sentido que a renúncia pelo cuidado de si, considerada uma virtude moral na visão cristã compartilhada pelas lideranças religiosas pentecostais, pode se revelar um fator de adoecimento. Não apenas de um adoecimento mental, no sentido subjetivo, mas de um adoecimento da mente, com repercussões negativas sobre a saúde do corpo e da alma. Isto porque o corpo não está a serviço da alma de uma maneira mecânica, e nem a alma está simplesmente aprisionada no corpo: corpo e alma complementam-se e estão integrados reciprocamente. O desprezo pelo cuidado de si, portanto, representa neste caso um desprezo com a integralidade da saúde do corpo e da alma, com repercussões negativas sobre as práticas pastorais desenvolvidas. Enfim, “não se deve fazer passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si; o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária” (FOUCAULT *apud* BOLSONI, 2012, p.14).

A FORMAÇÃO DOS LÍDERES RELIGIOSOS DAS IGREJAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS

Com as várias transformações percebidas no campo evangélico, notadamente a sua expansão e aumento de visibilidade, o trabalho dos líderes religiosos pentecostais também se modificou. O pastor do século XXI não é apenas mais um pregador dominical itinerante, mas fundamentalmente um líder comunitário, que pode vir a desempenhar outras atividades em paralelo (SILVA, 2004). De todo modo, ele segue sendo considerado a figura central da igreja e, devido a isso, lhe costumam ser requeridas algumas qualificações.

O primeiro critério para o exercício pastoral é ser portador da chamada vocação divina. Assim, trabalhar como pastor é aceitar a atividade como uma missão, decorrente de um “chamado de Deus”. Além da vocação, o carisma é outro atributo essencial, necessário para a aproximação e a união dos frequentadores da igreja. É através do poder do carisma que o seu trabalho pastoral pode ser legitimado pelos crentes (SILVA, 2004).

Ademais, o preparo do líder religioso em Igrejas Pentecostais, conforme apontam Albano, Mello e Aquino (2010), exige o desenvolvimento de três características ou virtudes básicas. São elas: a) o caráter piedoso (aquilo que a pessoa deve ser); b) o conhecimento bíblico (o que deve saber) e c) habilidades ministeriais (o que deve ser capaz de fazer). Tais características são consideradas importantes em todas as instituições evangélicas pentecostais a que o presente estudo faz menção.

A título de categorização, destaca-se que no meio Protestante existem as ramificações religiosas Tradicional, Pentecostal e Neopentecostal. As diferenças entre estas modalidades se devem a aspectos de cunho doutrinário e prerrogativas de inclusão na sociedade (dentre outros), conforme pode ser verificado na tabela abaixo:

Tabela 01 - Distinções doutrinárias entre as três vertentes do Protestantismo.

TRADICIONAIS	PENTECOSTAIS	NEOPENTECOSTAIS
Batista, Metodista, Presbiteriana etc	Assembleia de Deus, Quadrangular, Deus é Amor etc	Universal do Reino de Deus, Renascer etc
Não aceitam a prática da Glossolália	Praticam a Glossolália	Praticam a Glossolália
Ênfase no ensino teológico e trabalho social	Ênfase nos dons espirituais (profecias, revelação divina, cura divina)	Doutrina mais flexível
Não adeptos a usos e costumes	Rigidez nos usos e costumes	Liberal nos usos e costumes
Doutrina fiel às ideias dos reformadores protestantes	Ênfase na área musical	Ênfase na teologia da prosperidade
-	-	Misticismo e sincretismo

Fonte: os autores.

Devido ao fato de a vertente evangélica possuir diversas ramificações e distinções institucionais, neste estudo optou-se em abranger somente as Igrejas Evangélicas Pentecostais. No município localizado na região Oeste do Estado de Santa Catarina onde a pesquisa foi realizada, as igrejas que se enquadram na vertente Pentecostal são: Igreja Assembleia de Deus, Igreja Deus é Amor, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja O Brasil para Cristo e Igreja Congregação Cristã. Cada uma destas denominações religiosas apresenta particularidades no que se refere ao processo da formação dos seus líderes. Na sequência apresentamos uma breve caracterização destas variações:

a. A Igreja do Evangelho Quadrangular descreve, no Artigo 24 de seu Estatuto Interno, que para o exercício ministerial faz-se necessário que o indivíduo apresente convicção de sua vocação, vida cristã exemplar, idade mínima de vinte e um

anos ou ser emancipado, conhecimentos bíblicos, teológicos e intelectuais devidamente comprovados pelas instituições oficiais de educação da Igreja. Também é necessária a realização do Batismo com o Espírito Santo, a confissão pública e convicta dos postulados da Bíblia sagrada e da Declaração de Fé, e a dedicação diligente ao cumprimento de seus deveres, com obediência ao regimento interno da igreja (CVQ, 2014).

b. Na Igreja Assembleia de Deus, a ordenação a pastor se dá por meio da convenção da igreja, que elege candidatos ao cargo de pastor que exerçam em alguma igreja local o cargo de evangelista. Para exercer a função de pastor existe todo um plano de carreira: primeiro o indivíduo se torna auxiliar, após diácono, presbítero, evangelista e aí então a convenção poderá o admitir ao pastorado. Quando eleito ao cargo poderá executá-lo por tempo indeterminado, conforme disposto no artigo 30 do Estatuto da Igreja. A instituição realiza ainda assembleia geral anualmente, onde são discutidos diversos assuntos relacionados à administração da igreja (ESTATUTO ASSEMBLEIA DE DEUS, s/d).

c. Na Igreja Pentecostal “Deus é Amor”, por sua vez, a obtenção dos cargos ministeriais ocorre de forma um pouco diversificada: “as atividades realizadas pelo Ministro de Culto, Ministro de Confissões Religiosas ou Pastor, decorrem dos votos de humildade e de doação feitos quando do seu ingresso voluntário ao ofício e, em face disso, não gera vínculo empregatício” (IPDA, s/d). Outras características consideradas para a eleição ao cargo referem-se à classificação hierárquica, que se dará em avaliações apreciadas pela Diretoria, tais como: tempo no ministério da IPDA e não ter infringido as normas do Regulamento Interno da Igreja (IPDA, s/d).

d. Na Igreja “O Brasil para Cristo”, os principais requisitos para se tornar um líder religioso é: ser casado e a esposa pertencer à mesma Igreja, ter o seu nome inscrito no Livro Oficial de Registro de Ministros, estar quite com a tesouraria do Conselho Nacional, ser referendado pela Convenção na Assembleia da Igreja (OBPC, Art. 15, 2003).

e. Na Igreja Congregação Cristã destacam-se algumas características bastante diferentes das outras instituições descritas. Conforme estabelece o Artigo 6º: “a administração é composta de sete membros eleitos em assembleia geral por cinco anos, e dentre eles serão escolhidos: um presidente, um secretário, um vice-secretário e um tesoureiro e os três demais farão parte do conselho fiscal” (CCB, 2013). Além disso, essa

instituição religiosa conta com um Conselho de Anciões, sendo eles descritos como Cooperadores do Ofício Ministerial e Diáconos os quais possuem autoridade para questões administrativas da igreja (CCB, 2013).

Genericamente, a atuação das lideranças religiosas nas igrejas evangélicas pentecostais se refere a divulgação e o compartilhamento da prática religiosa entre os crentes. Como existem muitas denominações religiosas em ação neste campo, a função expansionista na busca por novos fiéis se torna um dos focos principais da atuação do pastor, que é a figura central na liderança das igrejas. Porém, além destes focos, outras variáveis permeiam o seu trabalho e o diferenciam de outras atividades profissionais (SILVA, 2004). Conforme Junior, Araújo e Silva (2019, p.37):

[...] o pastor (compreendendo neste termo todos aqueles que desenvolvem a atividade ministerial em tempo integral ou parcial) é visto como alguém separado para servir à igreja, às pessoas e à comunidade sem restrições, devendo estar disponível a todo tempo, independentemente de suas necessidades, sejam elas de convívio e cuidado familiar, descanso, suporte emocional, cuidados de saúde física e mental e, principalmente, financeiras.

Neste contexto, a necessidade de responder as mais variadas atividades impõe aos pastores uma flexibilidade na organização do tempo e na administração de sua rotina, considerando que as atividades são diárias e, em geral, incluem os períodos matutino, vespertino e noturno. A carga horária, apesar de não ser fixa e pré-estabelecida, abarca em torno de dez horas diárias durante a semana, sendo maior aos domingos (EBERT e SOBOLL, 2009).

Além disso, destaca-se que os horários de trabalho que são fixos – como as reuniões e cultos pré-agendados – podem sofrer alterações devido à necessidade de atendimento de demandas imprevisíveis e/ou urgentes (acidentes, tragédias, enfermidades, discussões entre casais, brigas, etc.). Em todas estas situações, espera-se que o pastor esteja preparado para intervir. Isto significa que a função pastoral está diretamente ligada a situações emocionalmente impactantes que podem afetar o seu estado de bem-estar, devido à imprevisibilidade, a sobrecarga de funções e a pressão social que enfrenta (SILVA, 2013).

Dentre as atividades incumbidas ao líder religioso no ministério pastoral, o aconselhamento é uma das suas ações mais relevantes diante da comunidade. O

aconselhamento pastoral tem como finalidade orientar seus fiéis sobre assuntos e dificuldades que perpassam as suas vidas, podendo ter origem emocional, física ou espiritual. Outra consequência do perfil requerido do líder religioso é que não compete a ele expressar suas emoções, ou seja, situações de tristeza ou abatimento devem ser guardadas para si, pois quando se tornam visíveis para a comunidade religiosa são vistas como fraqueza espiritual e incapacidade de liderar. Portanto, o cuidado dos outros, exercido pelos líderes religiosos, muitas vezes não é acompanhado pelo adequado cuidado de si, principalmente no que diz respeito a sua saúde mental.

Ademais, sob o viés da ética protestante, Silva (2004) apud Weber (1967), aponta que quanto mais duro se trabalha, mais se prova ser merecedor da graça divina, o que pode acarretar aos líderes religiosos uma jornada excessiva de trabalho e um foco exclusivo no cuidado dos outros, abrindo caminho para a ocorrência de doenças mentais.

MÉTODO

Para compreender estes motivos ou processos envolvidos no adoecimento de líderes religiosos, foi realizada uma pesquisa qualitativa. Como destaca Minayo (2002), a pesquisa qualitativa tem como finalidade aprofundar-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, em um nível de realidade que não pode ser apreendido pela quantificação.

A coleta de dados iniciou logo após a emissão do parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)⁴ da Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina (UNOESC). Foram realizadas entrevistas com roteiro semiestruturado, com líderes religiosos que atuam como pastores há no mínimo um ano em instituições evangélicas pentecostais de um município localizado na região Oeste do Estado de Santa Catarina. As entrevistas privilegiaram os posicionamentos de cada participante, suas vivências e os seus relatos referentes ao exercício de sua prática no contexto religioso ao qual fazem parte.

Participaram desta pesquisa cinco instituições religiosas: Igreja Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal Deus é amor, Igreja O Brasil para Cristo e Igreja Congregação Cristã. De todos entrevistados, foi solicitada a assinatura

dos respectivos responsáveis, da Declaração de Instituição Participante. Entretanto, no desenvolvimento da pesquisa uma das instituições optou em não participar mais da pesquisa. As entrevistas foram gravadas mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a análise dos dados, foi utilizado o método de Análise de Conteúdo proposto por Lawrence Bardin (2010). Nesta proposta de análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tomados em consideração. O esforço do analista é então duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira (CÂMARA, 2013).

A ATUAÇÃO DO PASTOR NO CUIDADO DOS OUTROS NAS IGREJAS

Conforme mencionado anteriormente, tornar-se pastor abrange um processo de formação específico que inclui ensinamentos bíblicos, a disposição para assumir responsabilidades em relação à Igreja (instituição) e suas Diretrizes e o amparo aos fiéis frequentadores. Neste último aspecto, é comum os fiéis buscarem o pastor em busca de uma palavra de conforto e acolhimento, reconhecendo nele a autoridade para conferir significado às situações adversas.

Nesta perspectiva, salientam Cerqueira-Santos et al (2004), que no contexto pós-moderno, as instituições religiosas de vertente pentecostal – a semelhança de outras tantas modalidades religiosas - apresentam-se como possibilidade de compreensão de quem se é e dos motivos pelos quais se sofre. Assim, além dos cultos, os fiéis esperam através das igrejas o atendimento das necessidades mais variadas, o entendimento do sentido da vida e da morte e a ideia de que o presente e o futuro podem fazer sentido.

Segundo os mesmos autores, através da atuação direta dos seus líderes, as igrejas podem interferir significativamente na maneira segundo a qual os fiéis significam as suas vivências, tanto de modo positivo quanto pejorativo. No último caso, o fiel é convertido numa espécie de cliente da igreja, um consumidor à procura de bens e serviços nos quais são identificadas promessas de solução. Por este motivo, o trabalho do pastor transcende a transmissão e interpretação do conteúdo da chamada “Palavra de Deus”, nos cultos de

verbalização do sermão coletivo. A sua atuação inclui atividades igualmente importante no cuidado dos outros, que se realizam na relação individual que mantém com os fiéis, conforme destacado pelos entrevistados:

*“Eu queria ter mais graça de Deus e mais estrutura financeira para cuidar de um número maior de pessoas, isso eu mudaria se eu tivesse essa estrutura. Alguns minutos antes de você chegar, chegou aqui uma senhora pedindo ajuda e o que ela queria eu não tinha como ajudar, **o que ela precisava eu não tinha**. Já ajudei ela outras vezes não é a primeira vez que ela veio, financeiramente inclusive, mas hoje o que ela precisava eu não tinha. Eu pedi para ela passar aqui de novo na segunda-feira que eu vou tentar providenciar, que é roupas e tal, e alguns donativos que ela precisa. Hoje aqui não temos essa disponibilidade, **mas eu me comprometi em ter**” (Pastor da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, julho/2020).*

“Desde uma ligação telefônica, aí a pessoa tem muita dúvida e ela quer uma palavra de ânimo, de conforto, fazer uma visita no lar, problemas na casa e com a família. Então tipo assim, eu acho que o melhor é tu chegar, sentar e conversar com a pessoa, poder ajudar a pessoa” (Pastor da Igreja Pentecostal Deus é amor, julho/2020).

Estes relatos evidenciam que o cuidado dos outros (os fiéis), inclui uma relação personalizada entre o pastor e os membros da igreja. Especialmente no primeiro trecho, evidencia-se como a sua atuação implica em se importar com as necessidades daqueles que frequentam a igreja que representa. As demandas podem ser diversas: emocionais e físicas (quando abrangem questões relacionadas à saúde e a doença), econômicas (quando enfatizam carência material), e espirituais (quando buscam respaldo para conferir sentido à própria condição existencial). Estes elementos aparecem nos relatos de todos os entrevistados, evidenciando como o exercício da liderança religiosa pode ser mortificante – algo que a frase “o que ela precisava eu não tinha, mas me comprometi a ter” exemplifica. Assim, na ânsia de zelar pela boa reputação da instituição religiosa, os pastores muitas vezes posicionam-se como capazes de atender todas as demandas para o cuidado do outro. Neste processo, a ação institucional e a atuação da pessoa do líder se mesclam no imaginário social e geram uma lógica de vinculação e de responsabilização.

Estas múltiplas exigências na atuação dos pastores, levam-nos a refletir sobre o processo de formação do líder religioso. A despeito da centralidade da atuação personalizada no cuidado do outro, a formação do pastor é quase nula. Mesmo por que, este cuidado do outro, pressupõe um cuidado de si, que tangencie as formas de se

relacionar com pessoas que apresentam problemas, dificuldades, estilos de vida, modos de ser e de se expressar distintos. A consequência pode levar a uma confusão entre as responsabilidades institucionais e pessoais do pastor, sobrecarregando-o física e mentalmente. Ademais, nas entrevistas, constatou-se que este acúmulo não é significado como algo negativo pelos pastores, mas como uma provação para atestar a capacidade para suportar o fardo que lhes é atribuído. Isso evidencia que ao atuarem em relações personalizadas com um público abrangente e com demandas variadas, os líderes religiosos estão sujeitos a um desgaste emocional e espiritual que demanda uma atuação adicional para o cuidado de si, a fim de evitar o seu adoecimento mental. Por isso, a importância de verificar como se dá este cuidado de si entre as lideranças religiosas pentecostais.

Ainda na perspectiva dos participantes da pesquisa, o atendimento personalizado das pessoas não é uma simples opção do pastor. Eles citam o texto do Evangelho de João, que aponta para os “elementos essenciais da relação entre o verdadeiro pastor e seu rebanho: entre eles existe profunda vida de comunhão, caracterizada, da parte do pastor, pelo conhecimento pessoal de cada uma das ovelhas”, de sorte que elas conhecem a sua voz e ele sabe seus nomes: o bom pastor é, portanto, aquele que cuida (OLIVEIRA, 2004). Essa analogia do pastor e suas ovelhas, bem como as implicações do cuidado do “pastor para com o seu rebanho” é utilizado no relato do entrevistado a seguir:

*“Nós temos um texto na Bíblia que se refere ao pastor e suas ovelhas e que num determinado momento esse pastor deixa 99 no campo e vai atrás daquela que se desgarrou, e no nosso dia a dia nós podemos fazer uma analogia muito simples disso, acontece da mesma forma. Por quê? Por que em todo ciclo social e toda organização social **você tem pessoas boas e pessoas não tão boas, quando não pessoas más... Então o que acontece, muitas vezes para você cuidar dessas pessoas que não são tão boas** você tem que deixar as outras de lado, muitas vezes para **tu tentar corrigir alguma coisa** em alguma família tu tem que deixar um monte de família de lado, famílias boas, famílias que te apoiam, famílias que oram por você, famílias que cuidam de você, tu tem que deixar essas pessoas de lado num momento para ir atrás, desculpa expressão, mas muito simples e vulgar, mas do “tranqueira” aquele cara que só Jesus pegar uma cinta e batendo a noite inteira para ele aprender, mas tu não pode bater de cinta nele, tu tem que ir lá abraçar e orar junto com ele, aconselhar e mesmo tu fazendo isso diversas vezes num período de tempo. E quando eu faço isso, quando você age dessa forma você desagrada um monte de gente boa que não tem esse sentimento pastoral, porque quando tu olha a palavra das 100 ovelhas ninguém ia deixar 99 no meio do campo, porque elas ficam literalmente no meio do campo com incidência das Feras do Campo, da chuva, do Orvalho, do sereno, no frio, então o pastor deixa 99 para ir atrás de*

uma e ninguém em sã consciência faz isso por seu rebanho, só o pastor”
(Pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, julho/2020).

No relato acima, é possível verificar que as tomadas de decisões são guiadas por um senso de prioridade de natureza pastoral, considerado soberano pelos pastores. Assim, muitas vezes, o ato de mostrar-se acessível, depende de um esforço para negar e/ou camuflar os sentimentos pessoais que o contato com o fiel faz emergir no pastor. Mesmo por que, mostrar-se disponível não é o mesmo que estar disposto para algo: *“aquele cara que só Jesus pegar uma cinta e batendo a noite inteira para ele aprender, mas tu não pode bater de cinta nele, tu tem que ir lá abraçar”!* Por isso, mesmo reconhecendo a prioridade pastoral, as convicções pessoais não se mostram dissociadas na sua atuação. É isto que permite classificar os fiéis em duas categorias: as pessoas “boas”, que respondem conforme o esperado e aplicam com maior facilidade os conselhos e orientações do pastor. E as pessoas “más”, que contrariam as expectativas do pastor e/ou da Igreja.

Neste sentido, a experiência de não visualizar os efeitos pastorais esperados das intervenções realizadas pelos pastores na conduta dos fiéis, podem traduzir a sensação de não reconhecimento e desvalorização da pessoa do pastor. Para Ferreira e Mendes (2003), a desvalorização dialoga estreitamente com o sentimento de insegurança e incompetência do trabalhador perante questões de produtividade e desempenho. Podemos perceber no relato a seguir, a identificação de mudanças na forma de intervir junto aos fiéis através da experiência relacional:

“A experiência depois de tanto a gente dar cabeçada, hoje, por exemplo, eu já faço diferente do que eu fazia a 9 anos atrás né, hoje eu já faço diferente, eu já encaro de uma forma diferente, também eu sei que eu posso me decepcionar então a decepção não me fere mais, então a gente aprendeu a conviver com isso” (Pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, julho/2020).

Podemos verificar que o sofrimento emocional em decorrência do trabalho de cuidado dos outros não é acompanhado na mesma proporção pelo trabalho de cuidado de si. O sofrimento do fiel é internalizado pelo pastor – ele o assume como sua responsabilidade. Deste modo, a melhora ou a piora do quadro é considerada como um eixo de atuação. Prevalecem sentimentos de culpa e impotência, quando a situação declina. Diante disso, mesmo que decepcionado, há um esforço para mostrar que é

possível renovar as esperanças. Isso requer, em muitos casos, a supressão das próprias emoções em nome de uma imagem de autocontrole, a servir de modelo para os fiéis. Assim, os riscos à saúde no exercício pastoral se devem ao fato dos pastores serem suscetíveis à negarem a si mesmos a expressão emocional normal (BLAIN, 1958).

Preocupados em apresentar um bom desempenho de sua função, os líderes religiosos pentecostais entrevistados enfrentam a cada dia o desafio de manter os seus fiéis dentro da igreja e atrair um público maior para sua congregação. Essa necessidade de ser eficiente e produtivo, conforme ressaltam Mendes e Silva (2006), pode gerar uma situação de competição entre as organizações religiosas, própria de uma economia de mercado, que inflaciona a importância dos resultados a obter. Num cenário em que há uma diversidade de instituições que também dão sentido à vida, as organizações religiosas competem entre si para conquistar uma maior população de fiéis consumidores.

Tal qual no mundo do trabalho, como indica Silva (2004), tem-se exigido do líder uma variabilidade de competências e atividades, jornadas de trabalho cada vez maiores, decisões cada vez mais dinâmicas e rápidas para enfrentar a demanda dos frequentadores e, por fim, uma maior produtividade. Não basta ser apenas líder da igreja, é preciso ser também advogado, psicólogo, político, assistente social etc. Não basta ter apenas um culto no domingo, é preciso ter um culto para os jovens, outro para os empresários, outro para os solteiros etc. Essa realidade explicitada no estudo acima mencionado, também é referenciada no discurso do entrevistado a seguir:

“Os pastores têm dificuldade de encher a igreja, já tivemos igreja com 70 membros, daqui a pouco eu tenho 25 membros, 50, 40, todo ano é assim: altos e baixos você nunca tem uma estabilidade, porque as pessoas vêm e frequentam, e daqui a pouco elas recebem a cura, a benção, uma porta que se abre, às vezes vai embora da cidade, e tal, e sai e tu continua e assim vai.... Então a nossa maior dificuldade é manter as pessoas que frequentam a igreja na igreja, a gente não consegue que esse público todo fique, e sim só uma parte; e essa parte é Fiel de vir toda a semana, e o restante, daí, vem e volta. Se ficar um mês sem vim, uma semana sem vim, daqui a pouco some e nunca mais aparece, infelizmente é assim” (Pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, julho/2020).

A partir destes relatos, fica evidente a insegurança por ter que lidar com a instabilidade de seus fiéis na comunidade religiosa. Isso requer do líder religioso, a construção de estratégias personalizadas para manter o vínculo com as pessoas por meio

da instituição. Ao perceber-se responsável em agregar os fiéis, o líder também compreende o seu papel como essencial para o sucesso do exercício religioso. Cuidar dos outros de alguma forma passa a significar relegar a um segundo plano o cuidado de si, ou pelo menos transferi-lo aos desígnios divinos.

Assim, diante das dificuldades para atrair e manter os fiéis, e da intensa disputa entre instituições religiosas, a ênfase na crença da cura divina e na obtenção de milagres sobrenaturais passa a ocupar lugar de destaque em algumas igrejas. Para Dalgalarondo (2008), a crença pode ser definida como a adesão do individual ao que parece ser ou pode ser verdadeiro. Já a fé refere-se aos mistérios, a explicação de fatos que excedem a capacidade do entendimento humano e estão fora das possibilidades de verificação empírica. Particularmente no contexto desta pesquisa, a importância das curas e milagres divinos são evidentes:

“Tivemos casos de pessoas com câncer, a pessoa tinha um câncer de tireoide e ela veio desesperada buscando ajuda e nós fizemos uma campanha com a pessoa. Você vai vir toda sexta-feira durante tantas sextas-feiras, não lembro se era 9, e a gente vai fazer uma oração forte para que Deus possa te curar desse câncer, Porque se você tiver fé Deus pode te curar desse câncer. E ela veio, realmente ela teve fé e teve muita luta espiritual. A pessoa vinha e as orações eram fortes, a pessoa passava mal, vomitava às vezes, era uma luta espiritual, e esse tumor foi secando cada culto que ela vinha diminuía” (Pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, julho/2020).

“Esses dias eu batizei um senhor, que ele vinha na igreja carregado pela mulher. A mulher carregava ele no braço para ele vir na igreja, porque ele não largava a bebida e ele já tinha perdido emprego, já tinha sido até preso porque naquelas bebedeiras dele, ele já tinha batido na mulher, mulher ainda que por misericórdia não abandonou ele né. E ele vinha na igreja assim cheirando álcool mesmo, meio cambaleando, todo culto eu orava com ele, todo o culto. Terminava o culto, agora eu quero orar por você, e muitas vezes assim ele caía, ele estava se libertando. E 2 anos depois ele veio pedir para ser batizado, ele largou a bebida, arrumou um trabalho, comprou um carro, se batizou, e agora tá firme na igreja. Ele e a mulher tão firme na igreja, o casamento deles foi restaurado e ele largou a bebida” (Pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, julho/2020).

Os relatos acima evidenciam que os líderes religiosos tratam as doenças através de um viés espiritual, sendo que os sofrimentos físico e relacional podem ser resolvidos por meio da fé persistente do indivíduo. Chama a atenção o dato de os líderes religiosos que contribuíram para este estudo não terem citado casos de cura ou milagre para situações que envolvem sofrimento psicológicos. Problemas identificados nesta

categoria, tendem a ser interpretados entre lideranças religiosas como um “problema espiritual” ao invés de um estado de adoecimento psicológico ou psiquiátrico. Esta é uma visão que prevalece neste meio religioso, dificultando inclusive o entendimento dos fatores relacionais envolvidos nas condições de adoecimento/sofrimento (ARAÚJO, BARROS 2019).

Por sua vez, Robbins (2002) considera que os diferentes estilos de liderar as igrejas podem gerar uma cultura de tensão, medo, ansiedade, pressão e controle rígido caracterizando-se assim, como um importante estressor no local de trabalho. Contudo, o uso demasiado da rigidez no modo de liderar pode desencadear fatores estressores e prejudicar assim a saúde mental destes líderes religiosos, como também a de seus fiéis. No relato abaixo, verifica-se a existência de um discurso mais rígido em relação às regras e usos e costumes:

“Então quando eu vejo uma irmã na igreja cheia de joias, maquiagem, unha pintada eu fico frustrado, porque não é essa doutrina que é ensinada na igreja, mas porque tudo isso?! Se nós começar a deixar entrar costumes que não são concordes com a doutrina eu posso perder as rédeas entende, aí vem um aqui e me diz assim ‘- fulana lá veio de unha pintada, eu vou pintar a minha!’ eu vou dizer não, não deve! - ‘Ah mas ela veio!’ e por aí vai. [...] ‘Frustrado é quando eu vejo um membro da igreja que não concorda com a doutrina, nós temos uma doutrina que as mulheres devem usar saias e vestidos, não cortar o cabelo, não usar pintura, não usar joias demasiadamente, os irmãos sempre bem barbeados (hoje eu falhei), mas para os cultos bem barbeado, não é obrigatório usar terno e gravata, mas todo mundo usa terno e gravata” (Pastor da Igreja Congregação Cristã, julho/2020).

Trata-se de um comportamento rígido com os fiéis, que pode acarretar consequências negativas para a saúde mental. Os efeitos de tal comportamento, conforme enfatizam Adorno (1950) e Rokeach (1960) apud Lotufo Neto, F. (1977), não são saudáveis mentalmente. Mas esta é uma questão relegada a falhas espirituais, dificultando a sua abordagem como adoecimento nestas igrejas. Isto não deixa de ser contraditório por que, a função de liderança religiosa envolve o cuidado para com as outras pessoas. Mas é necessário que o pastor pentecostal saiba acolher o sofrimento do outro sem guardá-lo consigo mesmo.

Sobre este tópico, Pereira (2012) descreve que a partir da década de 80, diversos sintomas passaram a ser estudados nas pessoas que escolheram se dedicar ao próximo. O autor ressalta que os ministros do sagrado, aventuram-se na vida religiosa com coragem

e idealismo. Posteriormente, sentem-se diminuídos quanto à realização pessoal, desvalorizados e impotentes perante as expectativas inalcançáveis. Com o tempo se tornam esgotados emocionalmente e impossibilitados de recuperar as motivações e forças espirituais iniciais. Se os sintomas permanecem, os mesmos podem evoluir para quadros patológicos, culminando com o abandono do ministério ou uma atuação passiva e improdutiva. Por isso é importante que o líder religioso volte o olhar para si mesmo e para as questões do cuidado de si, pois se dedicar ao cuidado de outrem pode gerar um misto de emoções que devem ser trabalhadas para não resultar em adoecimento. Sobre estes desafios da profissão, um dos entrevistados declarou o seguinte:

“Quando você vai tratar de um problema familiar, não tem como tu não absorver isso pra ti. Porque a empatia tem que ser usada. O que eu faria no lugar dessa pessoa? Então a empatia tu usa e não tem como tu não absorver isso. Muitas vezes, tu chega em casa cansado com tudo isso, tua mente fica fervendo. Quando tu vai no hospital por uma pessoa que está ali definhando nos últimos suspiros de vida é difícil aquilo, e quando vem uma criança e diz assim para ti: ‘- pastor porque Deus levou minha mãe?’ Qual é a resposta que eu vou dar para essa criança? isso fica batendo o dia inteiro na tua mente, então tem alguns momentos que é difícil e isso gera uma carga espiritual, querendo ou não, sobre tua vida.”

Assim o pastor se coloca na obrigação apresentar aos seus fiéis uma palavra que conforte, onde nem sempre ele a encontra para si mesmo. As vivências ligadas ao exercício do pastorado acabam impactando significativamente na vida pessoal, conforme expresso na frase: “isso fica batendo o dia inteiro na tua mente”. Nota-se, portanto, que a função do líder religioso demanda a alternância de atividades que provocam o surgimento de diversas sensações e emoções, que não encontram espaço para manifestação no cotidiano. Por exemplo, pode ocorrer um sepultamento pela manhã, uma reunião de lideranças à tarde, um casamento em final de tarde, um culto à noite e diversos pedidos de aconselhamento nos intervalos destas atividades. Ou seja, a vivência num mesmo dia da dor e do luto, o exercício da lógica e preocupação, a celebração de um momento de alegria, pregação e exortação, e problemas e dilemas do dia a dia das pessoas. Isso fica evidente no relato a seguir:

“Todo mundo vê que eu não estou tão bem, porque eles já me conhecem, eles sabem como eu sou normalmente. Então quando tu não tá bem não tem porque tu querer ser o palhaço do picadeiro, desculpa a comparação, não querendo

denegrir a profissão de palhaço, mas muitas vezes é aquela história: o filho tá morto atrás da Tenda e ele está alegrando o circo. Não é isso! Você pode ter aquele dia ruim, você não vai festejar sempre. Tem dias que não dá vontade de vir na igreja, confesso para ti, tem dias que não dá vontade de vir na igreja, mas aí vem ação de Deus na tua vida, pera aí ele não precisava ter morrido lá, mas morreu, então se ele se entregou a esse sacrifício por que eu não posso ir para igreja porque o meu dia não foi bom” (Pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, julho/2020).

Neste recorte da entrevista, a tensão entre a função pastoral e as fragilidades pessoais do pastor. Mesmo persistindo no exercício das suas atribuições, ele reconhece suas limitações pessoais e tem consciência de que nem sempre estará disposto emocionalmente para exercer sua função pastoral. Ele escolhe sacrificar os próprios sentimentos e emoções, em favor da sequência do exercício da liderança religiosa. Conforme afirmam os autores Silva e Holanda (2008), a vocação torna-se um fator gerador de sentido no trabalho dos líderes religiosos, por se relacionar com a questão da missão divina, não possuindo, portanto, apenas uma característica pessoal. Descuidar de si, em certo sentido, soa como uma virtude divina entre estas lideranças, para o cuidado do outro.

O SOFRIMENTO MENTAL E AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

O sofrimento entre as lideranças religiosas, de acordo com Mendes e Silva (2006), está vinculado a sentimentos como angústia, medo e insegurança, provenientes do conflito entre as necessidades de gratificação e a restrição de satisfazê-las impostas pelo trabalho pastoral, e tende a se expressar por meio de manifestações de ansiedade, insatisfação, solidão, inutilidade, desvalorização e desgaste.

Assumpção (2002), em sua pesquisa sobre o trabalho e o estilo de vida do ministro religioso, verificou alguns fatores de *stress*. Os principais fatores compreendiam: a falta de ser pastoreado, bem como a falta de amizades; a solidão; a sensação de observação constante; diversidade de atividades; disponibilidade 24h/dia; falta de preparo e conhecimento insuficiente recebido das instituições formadoras para o atendimento de pessoas; expectativas sociais e dos membros quanto à santidade; competitividade e disputas pelo poder; burocracia; medo da exposição e administração eclesial. A existência

do sofrimento decorrente da liderança religiosa por conta do exercício de sua função pode ser observada no relato a seguir:

“Daí alguns pastores hoje sob pressão, alguns se suicidando, porque viveram tanto isso, tanto desastres naturais, viram tantas famílias se dissolvendo, viveram tantos questionamentos, que tu não tem a resposta, que não suportarão essa opressão, essa pressão que a tua alma vai assumindo” (Pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, julho/2020).

Cabe salientar que algumas doutrinas ensinadas no contexto pentecostal e neopentecostal, conforme aponta Mano (2010), expressam que a experiência com Deus tem como função precípua isentar o homem do sofrimento, pois ‘quem está com Deus’, ou quem ‘serve a Deus não pode aceitar a doença, o sofrimento, a privação’, pois estas situações que expressam sofrimento se constituem como falta de fé ou mesmo consequência do pecado. Neste viés, o próprio sofrimento acaba sendo interpretado como falta de fé ou ausência de Deus – tornando essencialmente problemático para o pastor assumir que está sofrendo, pois este fato dá margem para que o seu engajamento ou capacidade para exercer a liderança seja colocado em dúvida. Isso pode se apresentar como obstáculo à tomada de consciência do próprio estado de saúde, e, conseqüentemente, dificultar a busca de auxílio especializado (como é o caso dos suportes psicológico e psiquiátrico, tão necessários para o tratamento de transtornos mentais). Somando-se a isso, também é possível notar a carência de intervenções sociais voltadas para atender este público, consoante à falta de estudos e pesquisas que abordem diretamente os fatores de adoecimento mental envolvidos no exercício da liderança religiosa.

Quando questionados sobre vivências de sofrimento no seu contexto de trabalho alguns dos participantes negaram qualquer possibilidade da existência de tais situações:

“Por enquanto ainda não! Até o momento em que estou de responsável na igreja ainda não!” (Pastor da Igreja Pentecostal Deus é Amor, julho/2020).

“Eu te diria que não teria nada para mudar no que eu faço, talvez eu, em mim, eu teria que mudar alguma coisa para melhor sempre. Eu sempre penso em eu mudar o que eu faço para Deus, achar um jeito de fazer melhor, o que eu faço para ele, mas o que ele me deixou para fazer do jeito que tá, está bom, não precisa mudar nada. Tá excelente!” (Pastor da Igreja Congregação Cristã, julho/2020).

Nos trechos acima em destaque, verifica-se que os entrevistados apresentam dificuldade em admitir que o exercício de suas funções interfere negativamente no seu estado de bem-estar, diferentemente de outros pastores desta pesquisa, mencionados anteriormente. O fato de camuflar está inteiramente ligado ao modo como cada organização religiosa dá significado ao sofrimento. Muitas instituições religiosas acreditam que o sofrimento, principalmente aquele de ordem psicológica surge em decorrência de pecados que a pessoa cometeu, ou então é tido como fraqueza pessoal, ou seja, responsabiliza-se o indivíduo pela própria condição, e coloca a igreja como a única capaz de promover a cura.

Por outro lado, enquanto alguns líderes do contexto religioso negam a existência de sofrimento psicológico, há também líderes religiosos que entendem a importância de considerar o tema do cuidado de si, salientando as estratégias de enfrentamento elencadas. Na ótica do Pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus:

“Então tem um dia da semana que eu separo para mim, para minha família, Isso é fato! ‘-ah pastor isso...’- Ah eu não posso tal dia porque eu tenho compromisso! Aí então é claro se é alguma coisa grave, que alguém dos nossos auxiliares e pastores não podem atender eu deixo e vou fazer, e esse tempo da minha família eu faço outro dia, sem problema, mas eu tenho um dia específico para minha família”[...] “Cada um de nós diferente daquilo que faça tem alguém que ele se sente à vontade para compartilhar suas frustrações e que 99% dos casos não é o cônjuge, não é o filho, não é o irmão, é uma pessoa que a gente chama de amigo. Todo mundo tem um amigo confidente, todo mundo tem um amigo que se sente à vontade para conversar com ele as suas preocupações, limitações e fraquezas sem o risco dele abrir a boca e falar para todo mundo. Eu tenho amigos especiais que a gente pode conversar, já que eu tenho certeza que ele não fica espalhando para todo mundo e não me julga” (Pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, julho/2020).

As estratégias adotadas por este líder religioso contribuem para um equilíbrio emocional diante dos diversos desafios que sua função lhe impõe. O fato de conseguir estabelecer um tempo para o cuidado de si, para conviver com a sua família, é algo que muitos líderes não conseguem. Estes se sentem na obrigação de estarem 24 horas, todos os dias da semana, disponíveis para atender as necessidades da igreja, esquecendo assim as suas próprias necessidades e o cuidado para consigo mesmo. Outro fator importante que este líder religioso pontua, é a questão do suporte emocional que é de extrema importância para os mesmos, pois as emoções e os sentimentos em no exercício de suas

funções precisam ser trabalhados de alguma forma para não desencadear sintomas de adoecimento nos mesmos.

Desta forma, nota-se que alguns líderes religiosos sentem a necessidade acolhimento e respeito. Mas, por que os mesmos evitam a ajuda psicológica ou psiquiátrica? Há dois pontos de vista que precisam ser levados em consideração nessa discussão. O primeiro diz respeito ao fato de que a grande maioria dos líderes religiosos não possui conhecimento sobre estas áreas de atuação profissional e como elas podem contribuir para as suas vidas. Ainda vigoram muitos preconceitos neste sentido. O outro argumento está relacionado à falta de inserção destes profissionais no contexto religioso, a fim de compreender a dimensão religiosa e espiritual vivida por estes sujeitos. Lotufo Neto, F. (1977), corrobora com este pensamento ao expor a necessidade de uma prática psiquiátrica e psicológica mais sensível à cultura e aos aspectos religiosos. Ele afirma que as dimensões religiosas e espiritual estão entre os fatores mais importantes na estruturação da experiência humana, das crenças, valores, padrões de comportamento e de doença.

Neste sentido, de acordo com Moreira (2012, p.11), “urge a implementação de canais, projetos, programas, ministérios e outros recursos para identificar, socorrer e abrigar aqueles exauridos pelo ‘custo’ ministerial. Costumeiramente o pastor pentecostal é o agente acolhedor e orientador no contexto do aconselhamento pastoral; raramente ele é o acolhido e orientado”. Enfim, na ausência destas mediações, o cuidado de si se limita aos apoios recíprocos no ambiente religioso, conforme relatado por todos os entrevistados. O depoimento abaixo resume este entendimento:

“Olha ajuda psicológica não, mas eu já pedi ajuda para o pastor meu superintendente. Sim eu já pedi ajuda para ele me orientar, orar e até mesmo para o lado emocional sim, porque não procurei o psicólogo, mas procurei o pastor e ele me ajudou a me aconselhar, a orar por mim, para me ajudar nessa parte. Quando eu estava começando também precisei de ajuda, no começo para poder aguentar a ‘repuxa’ porque senão eu tinha desistido. Nesse sentido que eu busquei ajuda, não no psicólogo ou alguma coisa assim, mas com meu líder espiritual”. (Pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, julho/2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi aprofundar as reflexões acerca do exercício da função dos líderes religiosos pentecostais, em particular a forma como vivenciam situações de

adoecimento mental, bem como as estratégias de enfrentamento por eles adotadas. O estudo permitiu verificar que o sofrimento mental está muito presente no contexto de atuação destes líderes religiosos, que por diversos fatores e processos envolvidos em sua atuação, tornam-se vulneráveis ao adoecimento mental e ao desenvolvimento de transtornos.

Nem todos os participantes conseguiram expressar suas vivências de sofrimento, notadamente as de cunho emocional. Destaca-se também que nenhum deles procurou ajuda psicológica ou psiquiátrica, mesmo quando reconheciam a necessidade da mesma. Isto evidencia a existência de preconceitos mútuos nas relações entre as áreas da Psicologia e da Psiquiatria e a religião. A superação deste preconceito também parece depender de mudanças tanto no ambiente da religião, quanto no ambiente de atuação profissional de psicólogos e psiquiatras.

Portanto, o público religioso é bastante vulnerável ao adoecimento mental. Particularmente as lideranças religiosas priorizam em sua atuação o cuidado dos outros. No entanto, o cuidado de si fica relegado a um segundo plano, sendo inclusive considerado um sinal de fraqueza espiritual o reconhecimento de dificuldades emocionais. Por outro lado, a vivência do sofrimento mental é entendida como uma provação para o testemunho da fé. Enfim, trata-se de um campo de pesquisa com potenciais enormes para novos desenvolvimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, D. G.; ASSIS, M. R. de. **O desenvolvimento religioso e espiritual e a saúde mental: discutindo alguns de seus significados**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/229105383.pdf>>. Acesso em: 24 de out. de 2020.

AMORIM JUNIOR, D. T.; ARAÚJO, D. D. C. de; SILVA, M. A. da. A saúde mental do pastor e as provisões de Deus. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**. v. 35, n. 69, p. 135-160, out. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/1179>>. Acesso em: 26 de abr. de 2022.

ASSUMPCÃO, E. P. M. **Stress, trabalho e estilo de vida do ministro religioso**. 2002. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Instituto Presbiteriano Mackenzie, São Paulo.

ALBANO, F.; MELLO, I. C. V.; AQUINO, R. de. **Teologia Pastoral**. Joinville: CEEDUC, 2010.

Araujo TSG; Barros MMM. Concepções de líderes religiosos sobre as pessoas com transtornos mentais. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro. 2019. v.3(3): 316-331.

BLAIN, D. Fostering the mental health of ministers. Pastoral Psychology, v. 9, n. 5, p. 19-28, 1958.

BOLSONI, B. V. **O cuidado de si e o corpo em Michel Foucault: perspectivas para uma educação corporal não instrumentalizadora.** IX ANPED SUL, 2012.

CÂMARA, R. H.. **Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas as organizações.** Revista Interinstitucional de Psicologia, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>>. Acesso em: 22 de abr. de 2020.

CASTRO, SOUZA e NUNES. Fatores Associados à Depressão em Líderes Religiosos de uma Denominação Pentecostal. Id on Line Rev. Mult. Psic. V.12, N. 42, p. 367-382, 2018 - ISSN 1981-1179 Edição eletrônica em <http://idonline.emnuvens.com.br/id>.

CERQUEIRA-SANTOS, E.; KOLLER, S. H.; PEREIRA, M. T. L. N.. **Religião, saúde e cura: um estudo entre neopentecostais.** *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 82-91, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 de nov. de 2020.

CCB “OFICIAL” SITE PARTICULAR. 2013. Disponível em: <<https://ccboficial.webcindario.com/#estatuto>>. Acesso em: 19 de abr. de 2020.

CVQ. ENSINO COM PROPÓSITO. 2014. Disponível em: <<http://cvq.com.br/site/estatuto/>>. Acesso em: 19 de abr. de 2020.

DALGALARRONDO, P.. **Religião, psicopatologia & saúde mental,** Artmed, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-60832008000300004&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 de out. de 2020.

DALGALARRONDO, P. **Estudos sobre religião e saúde mental no Brasil: histórico e perspectivas atuais.** Revista de Psiquiatria Clínica, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 25-33, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a05v34s1.pdf>>. Acesso em: 21 de out. de 2020.

DEUS, P. R. G. de. **Um estudo da depressão em pastores protestantes.** Ciências da religião – história e sociedade volume 7, n. 1, 2009. Disponível em: <[file:///c:/users/usuario/downloads/1134-texto%20do%20artigo-3171-1-10-20090724%20\(1\).pdf](file:///c:/users/usuario/downloads/1134-texto%20do%20artigo-3171-1-10-20090724%20(1).pdf)>. Acesso em: 16 de fev. de 2020.

EBERT, C.; SOBOLL, L. A. P. **O trabalho pastoral numa análise da Psicodinâmica do Trabalho.** Aletheia, Canoas, n. 30, p. 197-212, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 de abr. de 2020.

EPOS, Escola preparatória de obreiros siloé. **História do Pentecostalismo.** 2 edição, Joinville, 2009.

MOREIRA, A. 2013. https://faculdadecristadecuritiba.com.br/storage/2018/11/Numero-2-Marco-2013-Artigo_2.pdf. **Religião, saúde e cura: um estudo entre neopentecostais. Psicol. cienc. prof.,** Brasília, v. 24, n. 3, p. 82-91, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 de nov. de 2020.

CCB “OFICIAL” SITE PARTICULAR. 2013. Disponível em: <<https://ccboficial.webcindario.com/#estatuto>>. Acesso em: 19 de abr. de 2020.

CVQ. ENSINO COM PROPÓSITO. 2014. Disponível em: <<http://cvq.com.br/site/estatuto/>>. Acesso em: 19 de abr. de 2020.

DALGALARRONDO, P. **Religião, psicopatologia & saúde mental,** Artmed, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-60832008000300004&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 de out. de 2020.

DALGALARRONDO, P. **Estudos sobre religião e saúde mental no Brasil: histórico e perspectivas atuais.** Revista de Psiquiatria Clínica, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 25-33, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a05v34s1.pdf>>. Acesso em: 21 de out. de 2020.

DEUS, P. R. G. de. **Um estudo da depressão em pastores protestantes.** Ciências da religião – história e sociedade volume 7, n. 1, 2009. Disponível em: <[file:///c:/users/usuario/downloads/1134-texto%20do%20artigo-3171-1-10-20090724%20\(1\).pdf](file:///c:/users/usuario/downloads/1134-texto%20do%20artigo-3171-1-10-20090724%20(1).pdf)>. Acesso em: 16 de fev. de 2020.

EBERT, C.; SOBOLL, L. A. P. **O trabalho pastoral numa análise da Psicodinâmica do Trabalho.** Aletheia, Canoas, n. 30, p. 197-212, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 de abr. de 2020.

EPOS, Escola preparatória de obreiros siloé. **História do Pentecostalismo.** 2 edição, Joinville, 2009.

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade e política.** Col. Ditos e Escritos. (Vol. V). Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **Hermenêutica do sujeito.** 3 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. História da sexualidade 3: o cuidado de si. 3 ed., Graal, Rio de Janeiro, 1985.

PETERSEN, M. **O cuidado de si e do outro**. X Congresso Nacional de Educação. PUCPR, Curitiba, 2011.